

Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro*

de Deivison Mendes Faustino

Frantz Fanon e a construção de outra humanidade

Frantz Fanon and the Construction of Another Humanity

por Weber Lopes Góes**

Em 2015, o Departamento do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) foi palco de uma defesa de tese de doutorado intitulada *Por que Fanon, porque agora? Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil*, cuja autoria é de Deivison Mendes Faustino, sociólogo e hoje professor da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada-Santista. A referida pesquisa, em virtude da envergadura, seriedade e rigor teórico-metodológico, recebeu Menção Honrosa do Prêmio CAPES, em 2016, como a melhor tese de Sociologia. Três anos depois, o Ciclo Contínuo Editorial torna pública uma parte do trabalho de Faustino.

Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro é um livro que apresenta uma trajetória política e intelectual de Frantz Fanon (1925-1961), que dedicou uma parte expressiva de sua vida à defesa da libertação dos povos oprimidos no mundo. Autor de *Peles negras, máscaras brancas* (2008) e *Os condenados terra* (1979), não hesitou em despender esforços para denunciar as desigualdades étnico-raciais no seio da sociabilidade do capital, de atuar nas lutas de libertação na África, particularmente na Argélia.

* São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

** Doutorando em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC. Professor da Faculdade de Mauá-SP, Brasil. Autor de *Racismo e eugenia no pensamento conservador brasileiro*. São Paulo: LiberArs, 2018. End. eletrônico: wafrican@hotmail.com

A pesquisa de Faustino se deu por meio de duas contribuições: a primeira é fruto do contato que estabeleceu com um intelectual e fundador do Movimento Negro Unificado (MNU), Milton Barbosa, que lhe apresentou Frantz Fanon, estimulando o aprofundamento sobre o ativista martinicano, principalmente sobre a receptividade de sua obra no Brasil. A segunda contribuição emergiu a partir de uma indagação – Por que Fanon, por que agora? – feita por Stuart Hall em um encontro promovido pelo Institute of Contemporary Arts (ICA), em Londres, no ano de 1995. Depois de 23 anos, a questão do pensador jamaicano mereceu o título da tese de Deivison Mendes Faustino.

Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro é o primeiro livro sobre Frantz Fanon no Brasil. Passados 57 anos da sua morte, estudantes, ativistas de movimentos sociais e demais interessados em conhecer o edifício teórico e o protagonismo de Fanon podem encontrar no presente trabalho não somente informações que o autor disponibiliza, mas uma ferramenta para a apreensão da sociabilidade na qual estamos inseridos.

De fato, a opção de Faustino em eleger Frantz Fanon para a sua pesquisa não é arbitrária. Ao contrário, é uma maneira de jogar luz para que possamos agarrar a realidade brasileira, sobretudo num contexto em que acentuam as contradições de classes, principalmente no país que ocupa a terceira posição no que se refere à taxa de encarceramento de seres humanos¹, em especial, de jovens negro(a)s e, ainda, devido o caminho anticivilizatório que o Brasil tem trilhado, o qualificando como um dos países mais violentos do planeta².

Nessa direção, a obra de Deivison Mendes Faustino, ao trazer a lume o autor martinicano, permite identificarmos quais as facetas do racismo, os seus impactos na subjetividade daqueles que são alvo dessa perversa forma de estranhamento humano e quais os mecanismos de controle do capital sobre o trabalho. Neste caso, o livro pode nos oferecer pistas para desvelar as artimanhas de dominação do capital e abre senda para a sua superação.

Faustino, ao biografar Frantz Fanon, longe de canonizá-lo, expõe um pensador *humano*, com suas contradições e dilemas ao longo da sua vida, como por exemplo, desde a sua infância teve de encontrar meios para superar a ausência de seu pai e, pelo fato de ser oriundo da Martinica, colônia francesa, acreditava ser um “francês”, mas quando chega à França para realizar seus estudos é percebido pelos gauleses enquanto um “negro martinicano”. Em suma, o texto apresenta

¹ Cf. o documento intitulado *Levantamento nacional de informações penitenciárias*: INFOPEN. Atualização – Junho 2016. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional, 2017.

² Trata-se do Estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), sobre o Mapa da Violência recém-publicado.

um pensador que, mesmo com as suas questões, subjetivas e objetivas, dispendeu esforços para a superação da ordem vigente.

Ainda no âmbito biográfico (p. 84), ao mesmo tempo em que Fanon é apresentado de forma “cronológica”, o leitor poderá acompanhar uma gama de eventos que ele pôde vivenciar, desde a sua participação nas lutas de libertação na Argélia, que teve o seu início oficialmente nos anos de 1954, ao o *I Primeiro Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros*, organizado pela revista *Présence Africaine*, em 1956, além de travar relação com importantes referências que atuaram em prol da libertação dos países africanos, dos quais destacamos Aimé Césaire (1913-2008), Léopold Sédar Senghor (1906-2001), Alioune Diop (1910-1980), dentre outros.

Na mesma toada, o livro expõe um Frantz Fanon que teve uma carreira sólida e, em virtude de uma perspectiva que extrapola o seu interesse pessoal, resolve abandonar o curso de Odontologia, guinando para a Psiquiatria, no qual assume, em 1953, a direção de um hospital psiquiátrico na cidade de Blida, na Argélia. Esse período foi significativo, pois o possibilitou compreender os impactos do “colonialismo na estrutura psíquica humana” (Faustino, 2018, p. 66), se deparando com pacientes franceses e argelinos sob os transtornos mentais decorrentes da violência.

Ao atuar no hospital psiquiátrico, Fanon extinguiu a segregação racial existente naquele local, proporcionando o convívio entre árabes, berberes e franceses na mesma ala, além de assegurar a liberdade dos pacientes para entrar e sair de acordo com seus anseios e aboliu o uso de camisa de força, medida que passaria a ser utilizada em casos extremos. Tais reformas fizeram com que Fanon fosse visto pelos colegas de trabalho de forma pejorativa, enquanto “Doutor Árabe” (Faustino, 2018, p. 69).

Entretanto, sua prática no hospital psiquiátrico não se restringiu às reformas acima. Ao travar contato com os membros da Frente de Libertação Nacional da Argélia (FLN), em 1955, fornecendo materiais às famílias dos militantes que se encontravam presos, atendendo os combatentes que sofriam de distúrbios psíquicos, Fanon realizava treinos de primeiros socorros para os integrantes da FLN e contrabandeava medicamentos para que os combatentes tivessem sucesso no *front*. Todas as ações eram efetivadas clandestinamente (Faustino, 2018).

Em *Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro*, o professor Deivison Faustino apresenta uma série de assuntos que Fanon enfrentou: o papel do imperialismo nas colônias africanas e no mundo; o uso da violência encampada pela burguesia imperialista sobre os países neocolonizados; as tematizações referentes ao conceito de “homem universal e singular”, como a ideologia do racismo construiu um “tipo” de ser humano, cujos povos, não-europeus, não eram considerados membros da “comunidade humana” (Fanon, 2008).

Os aspectos mencionados são abordados de forma minuciosa por Faustino, que o leitor ora tem a possibilidade de prestigiar. Para elucidar a qualidade do presente livro, elencamos dois enunciados que consideramos significativos para o leitor. Trata-se do conceito de *racismo e cultura*.

Foi na comunicação intitulada “Racismo e Cultura”³, apresentada no *I Primeiro Congresso de Escritores e Artistas Negros*, que Fanon tematizou o significado do racismo. Para além de ser um meio de dominação político e econômico, o racismo, não seria um “choque” entre as civilizações, tampouco uma luta de “raças”. O racismo é um mecanismo utilizado para estabelecer a hegemonia de uma classe sobre a outra, cuja eficácia é tirar daqueles que são subjugados, o *status* de humanidade, logo, a eficiência do racismo está na degradação e no esvaziamento do ser humano, destruindo-o de sua cultura e história.

Na perspectiva fanoniana, o racismo ganha um aspecto cultural para que seja validado. Porém, se o racismo é um constructo cultural, existem culturas sem racismo, isto significa que não somente há povos racistas e não racistas, mas a possibilidade de construir uma sociedade ausente da cultura do racismo dependeria da ação daqueles comprometidos com outra organização societária.

No que tange ao aspecto cultural, Fanon (1969) acreditava que a cultura não é um elemento arbitrário ou autônomo em relação às ações dos seres humanos, que neste caso, acreditava na importância da resistência cultural, principalmente dos povos colonizados que tinham como fito exaltar a sua cultura, a história acumulada pelos grupos sociais dominados pela burguesia monopolista. Todavia, “essa exaltação do que foi negado, quando estabelecida de forma unilateral – tal como feito anteriormente no ato da sua negação – guarda em si uma perigosa armadilha” (Faustino, 2018, p. 89).

Neste quadro, a cultura, enquanto uma manifestação histórica, não pode ser concebida como um ente fechado, pois atribuir a “cultura” a impossibilidade de alteração, não passa de uma estratégia de controle e dominação do colonialismo, culminando numa “mumificação do pensamento individual” (Fanon, 1969, p. 38). A resistência cultural só tem sentido quando é tomada como possibilidade de transformação, isto é, como busca de “um projeto maior” (Faustino, 2018, p. 90).

A lucidez de Fanon em tematizar as questões acima está presente na atualidade. Basta nos atentarmos para as hodiernas bandeiras dos movimentos que atuam em torno das identidades específicas. Neste caso, como transcender a objetificação da própria existência? São questões como estas que Deivison Mendes Faustino busca enfrentar a partir dos estudos de Fanon.

³ Texto de intervenção de Frantz Fanon no 1º Congresso dos Escritores e Artistas Negros em Pais, em setembro de 1956. Publicado no número especial da revista *Présence Africaine*, jun.-nov. de 1956.

No livro de Faustino está contido uma das emergentes mensagens do Fanon, conforme indica Sartre (1979, p. 07): “o que Fanon explica a seus irmãos da África, da Ásia, da América Latina: realizaremos todos em conjunto e por toda a parte o socialismo revolucionário ou seremos derrotados um a um por nossos antigos tiranos”. Neste caso, a ânsia do autor de *Os condenados da terra* é a conclamação dos oprimidos do mundo para que, de fato, a superação das desigualdades sociais, da divisão social do trabalho, da apropriação privada da riqueza social e todas as formas de exploração, pelas quais os subalternizados são subsumidos sejam fenecidas.

Talvez a resposta à questão que abre o referido livro – Por que Fanon, por que agora? – possa ser respondida pelo próprio Frantz Fanon, conforme consta na sua conclusão in *Os condenados da terra*:

[...] se quisermos que a humanidade avance um furo, se queremos levar a humanidade a um nível diferente daquele onde a Europa a expôs, então temos de inventar, temos de descobrir. Se queremos corresponder à expectativa de nossos povos, temos de procurar noutra parte, não na Europa. Mais ainda, se queremos corresponder à expectativa dos europeus, não devemos devolver-lhes uma imagem, mesmo ideal, de sua sociedade e de seu pensamento, pelos quais eles experimentam de vez em quando uma imensa náusea. Pela Europa, por nós mesmos e pela humanidade, camaradas, temos de mudar de procedimento, desenvolver um pensamento novo, tentar colocar de pé um homem novo (Fanon, 1979, p. 275).

Considerando os aspectos levantados por Fanon, a sua mensagem está mais que atual, visto que ao longo do século XX, acumulamos malogros no que tange às tentativas revolucionárias. Nesse caso, é tempo de conhecer a história do pensador martinicano, tendo em vista que suas análises abrem espaço para que possamos (re)configurar e talvez construir caminhos cujo escopo deva ser uma outra sociabilidade. Ou seja, o apelo de Frantz Fanon é para a construção de outra humanidade, a fim de superar o estado de coisas que nos encontramos para que tenhamos um pensamento novo e colocar de pé um homem novo. É com esta ânsia que o livro Franz Fanon: *um revolucionário particularmente negro* chega ao público.

Referências

- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- _____. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- _____. Racismo e Cultura. In: *Defesa da Revolução africana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1969.

FAUSTINO, Deivison Mendes. *Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro*. São Paulo: Círculo Contínuo Editorial, 2018.

SARTRE, Jean-Paul. Prefácio. In: *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.